

DORAMA *POUSANDO NO AMOR*: POTENCIALIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

DORAMA *LANDING IN LOVE*: POTENTIALITIES IN GEOGRAPHY TEACHING

Clédna Kalyne Medeiros Dantas Alves¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3868-8838>

E-mail: clednakalyne@hotmail.com

Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3118-0265>

E-mail: mayra.rfr@gmail.com

Resumo

Neste trabalho analisamos a contribuição da série sul-coreana *Pousando no Amor*, transmitida no *streaming Netflix*, para o ensino de Geografia. Assim, utilizamos o dispositivo *dorama*³ em uma escola pública de Mossoró-RN, a fim de perceber como a série pode contribuir no processo de *ensinoaprendizagem*⁴ em um contexto de um novo ethos envolvido por um ecossistema semiótico-cognitivo-cultural-humano. A sequência didática é apresentada mediante conversas, exposição do drama sul-coreano, questionamentos e produção textual. As “conversas” estabelecidas entre os textos, o *dorama* e as habilidades do ensino de Geografia revelam o lugar de conhecimento e destaca o que se faz significativo para o discente e necessário para um fazer docente no contexto da cultura digital.

Palavras-chave: Geografia; *Dorama*; Ensino-aprendizagem; cultura digital.

Abstract

In this work, the contribution of the South Korean series *Landing in love*, transmitted on Netflix streaming, to the teaching of Geography is analyzed. Thus, the *dorama* instrument was used in a public school in Mossoró, in order to understand how the series can contribute to the teaching-learning process in a context of a new ethos involved by a semiotic-cognitive-cultural-human ecosystem. The didactic sequence is presented through conversations, exposure of South Korean drama, questions and textual production. The “conversations” among the texts, the drama and the skills of teaching Geography reveal the place of knowledge and highlight what is significant for the student and necessary for a teaching practice in the context of digital culture.

Keywords: Geography; drama; teaching-learning; digital culture.

¹ Mestre em Educação e graduada em Geografia, ambos pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

² Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atuou como Assessora, Diretora e Pró-Reitora Adjunta de Extensão da UERN. É Professora do Mestrado em Educação - PosEDuc (UERN). Membro do Grupo de Pesquisa Formação e Profissionalização do Professor - UERN e do Grupo de Pesquisa em Docência e Cibercultura - UFRRJ.

³ *Dorama* (deriva da palavra drama, em japonês); k-drama são produções dramáticas populares nas emissoras de TV asiáticas. Então, optamos por fazer o uso dos termos *dorama*, drama sul-coreana, telenovela sul-coreana, para referenciar o episódio 1 “Pousando no Amor”.

⁴ Inspirada em Alves (2003), fazemos uso de alguns termos juntos para indicar a necessidade de ir além dos limites das ciências modernas. Assim como *ensinoaprendizagem*, outras palavras aparecerão grafadas juntas no texto, dado que os processos não se fragmentam.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o ensino de Geografia escolar tem se incorporado às mais diversas tecnologias. Sendo assim, percebemos a presença de instrumentos que permeiam a localização, a orientação e o reconhecimento de diferentes espaços a partir de dispositivos que vão desde o uso do quadrante, do sextante e da bússola à popularização do Sistema de Posicionamento Global - GPS. Consideramos, também, atrelado a esses artefatos e seus aprimoramentos, o uso de satélites, da fotografia aérea, da disseminação de drones e tantos outros eventos que marcam a exploração de espaços e seu reconhecimento. Diante disso, destacamos as disputas ideológicas, políticas e econômicas que culminaram em conflitos territoriais e guerras que marcaram a história mundial ao longo dos tempos, assim como as transformações geopolíticas e tecnológicas.

O século XXI, amplamente marcado pela cultura digital em rede, traz rápidas transformações para os processos educativos formais escolares e muitos dilemas referentes aos *saberes/fazer*s docentes e aos sentidos atribuídos pelos alunos aos conteúdos e às didáticas mobilizadas no espaço escolar. Qual formação docente e discente? Quais conteúdos e metodologias são significativas e viabilizadoras de uma cidadania e autoria em contexto de cibercultura? O que e como mobilizar a atenção e o interesse do alunado para uma aprendizagem significativa? Por meio desses questionamentos propomos, neste relato de experiência, analisar a contribuição para o ensino-aprendizagem de Geografia, do episódio da série *Pousando no Amor*, disponível no *streaming Netflix*, inserindo-o em um contexto em que *aprenderensinar* se amplia e se pluraliza por meio de recursos multimodais presentes na relação *cidade/ciberespaço*⁵ (SANTOS, 2014).

Na literatura, encontramos diversas pesquisas e produções que inspira a práticas pedagógicas que intencionam romper com os modelos de aulas maçantes (PIMENTEL; CARVALHO, 2020), diferentes dos modelos transmissivos e receptivos de ensino-aprendizagem. Para esses autores, o advento da cultura digital potencializa uma educação cujo conhecimento é percebido como obra aberta e, no caso específico deste texto, que trata do ensino de Geografia a partir da mobilização da série sul-coreana, as tecnologias digitais reforçam o ensino-aprendizagem mais dinâmico, interativo e significativo.

O tempo do digital em rede e, mais recentemente, da Inteligência artificial – IA, inspira a problematizarmos ainda mais o fazer docente. Santaella (2004), Pimentel e Carvalho (2023)

⁵ Para Santos (2016), em tempos de cibercultura a mobilidade é potencializada em razão da conexão com o ciberespaço. A mobilidade e a ubiquidade ampliam a conexão entre os espaços urbanos e os ciberespaços, de maneira a possibilitar outras interações sociais, comunicacionais e formacionais.

traz posturas de leitores que se transformam ao longo da história humana e de seus adventos socioculturais e econômicos, fazendo-nos pensar nas necessárias e urgentes transformações do ensino-aprendizagem no espaço escolar, em especial no ensino da Geografia. Em tempos de cibercultura, não podemos exigir dos alunos a postura apenas de um leitor contemplativo, limitado à leitura do livro/texto impresso e da imagem expositiva, características da idade pré-industrial. Ainda, em querer tão somente a postura de um leitor de um mundo em movimento do contexto da Revolução Industrial. Até o leitor imersivo das sociedades informatizadas vem se transformando celeremente, saindo do computador móvel para o leitor ubíquo e, mais recentemente, para o leitor generativo⁶, que cria no processo de hibridização e autoria com a IA criativa em contexto de ChatGPT.

Por esse viés, encontramos na variedade semiótica que o mundo digital oferta e vislumbra pela beleza, contextos e significações a oportunidade de trazer para a sala de aula elementos que identifiquem as transformações dos espaços e ajudem na compreensão de fatos globais e sua influência no cotidiano. Nessa perspectiva, as tecnologias oportunizam aos estudantes explorar diferentes regiões do mundo, analisar e comparar dados geográficos, identificar padrões espaciais e compreender processos geográficos complexos de forma dinâmica e interativa.

Há em nossas redes de *conhecimentossignificações*⁷ (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) uma ânsia latente de unir o mundo digital aos conhecimentos de Geografia, principalmente aqueles em que os alunos mobilizam no cotidiano sociocultural, mesmo sem a intencionalidade educativa. Emaranhar-se nesse espaço é perceber que a Geografia é parte integrante da vida habitual desses seres sociais, e apresentá-la distanciada dos sentidos e motivações dos estudantes é excluí-los do direito a uma aprendizagem significativa.

À vista disso, encontramos no dia a dia dos alunos possibilidades, posto que são essas referências da cibercultura que tecem os fios de sentidos na construção de saberes e valores na contemporaneidade. Logo, aproximar o espaço virtual da Geografia escolar é potencializar novas descobertas, visto poder mergulhar nesse ambiente que se apresenta ilimitado. É nesse momento de abertura que encontramos em Alves (2008) inspiração para um novo jeito de sentir o mundo para além de olhar. Ouvir, tocar, cheirar, degustar tudo que aparece em nosso caminho, abre possibilidades para ampliar, ressignificar e desejar novas formas de *aprenderensinar* Geografia.

⁶ Termo apresentado por Mariano Pimentel (2023) na Live “Inteligências em rede na educação superior: impactos do CHATGPT e outras IAs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QaFMuZg6S7A>

⁷ Para os autores, como docentes e discentes *praticantespensantes*, criamos conhecimentos e produzimos significações referenciados em nossos *saberesfazeres* cotidianos.

Aprenderensinar em tempos de cibercultura: a conexão entre o ensino de Geografia e a série Pousando no Amor

A cultura digital transformou profundamente as relações humanas, a comunicação, a linguagem e a produção de conhecimento (SANTAELLA, 2013). Para a Santaella (2013, p. 235), “[...] trata-se das mudanças substanciais na constituição das linguagens humanas que o mundo digital introduziu e que se manifestam nas misturas inextricáveis entre o verbal, o visual e o sonoro [...]”, fato que acentuou a necessidade de uma formação escolar com mais protagonismo discente, pois, segundo Silva (2010), a mobilização da internet para/na formação escolar e universitária é exigência do novo ambiente comunicacional-cultural – a cibercultura – que surge com a interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI.

Em Ribeiro (2015), acolhemos a afirmação de que como praticantes da/na cibercultura interagimos com as tecnologias digitais nos mais diversos contextos formativos, de forma a produzir e consumir em diferentes mídias, sendo os dispositivos móveis artefatos que aceleraram a convergência de mídias e reconfiguraram as práticas sociais de comunicação e de informação pelos espaços físicos das cidades. Pensamos, agora, o *espaçotempo* como sinônimo de fluidez, rapidez, coletividade, complexidade e expressão de multiculturas por/ em linguagens plurais e multimodais.

Com essas premissas, podemos constatar que a aprendizagem no século XXI tem a marca da conectividade, da ubiquidade e da mobilidade entretecida na relação *cidadeciberespaço*, cujos sujeitos produzem, interagem, (re) criam, cocriam em uma rede coletiva de colaboração (LEVY, 1998). Desse modo, ao transitarmos em diferentes *espaçoslugarestempos* sociais, com nossos dispositivos móveis, experienciamos um novo cotidiano e com ele novas formas de aprender e de se relacionar (SANTOS, 2014).

Denominados gerações polegárinha (SERRES, 2013), nativos digitais (PASSARELLI; JUNQUEIRA, 2012), residentes digitais (WHITE; CONNAWAY; LANGLIS; CORNU; HOOD, 2012), os alunos do 9º ano de uma escola municipal, *lócus* da intervenção e da mobilização do *dorama* no ensino de Geografia, vivem a cultura do digital em rede e habitam cotidianamente o ciberespaço, estando as séries dos *streamings* entre seus programas favoritos.

A inserção de adolescentes nesse universo produz um conhecimento subjetivo e diverso, possível de ser ampliado quando mobilizado e ressignificado a partir de novos elementos que podem ser orientados pelo professor (a) em sala de aula. A mediação entre os saberes da cultura cotidiana e os saberes escolares mediante intervenções, questionamentos,

planejamentos didáticos com recursos multimodais e, principalmente, da escuta atenta aos interesses e às curiosidades desse público ao mesmo tempo que se constituem em desafio, dá ao docente a oxigenação para buscar novas posturas epistemológicas e metodológicas do *pensar/fazer* daquele ensino.

Nessa teia cibernética, percorremos o lugar de espaços que dispõem de transmissão contínua de dados, sem a necessidade de sua descarga, ou seja, a nuvem é o lugar do “ilimitado”. Essa operacionalidade pode ocorrer de forma particular conforme a finalidade dos sujeitos que acessam essas redes, denominadas *streaming*, e explora o conteúdo de maneira que melhor o atende. Logo, identificamos a presença maciça dessas redes de transmissão em suas mais variadas formas e usos que podem seguir desde a música à imersão nos mais diferentes usos de vídeos.

O *streaming* surgiu na década de 90 e vem, cada vez mais, procriando novas condutas de consumo na indústria de entretenimento. Em uma velocidade surpreendente alavanca olhares e sujeitos no consumo de áudios, vídeos de forma *on line*, ou não. Em razão disso, destacamos o lugar de mobilização de vídeos como dispositivo para o ensino da Geografia, sobretudo o uso da plataforma *Netflix*, que bombardeia sua programação com variadas produções asiáticas, com notória atenção os dramas japoneses, chineses e sul-coreanos, conhecidos popularmente como *doramas*.

Deste modo, vemos no *dorama Pousando no Amor*, telenovela/drama Sul-Coreano, lugar de estudo e de aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1980 *apud* FARIA, 1989) para os alunos. Por fazer parte de suas redes de conhecimento e cultura cotidiana, a série viabiliza criar significativa relação com os saberes escolares de Geografia, ao dar sentido e ampliar a capacidade de compreensão sobre territórios que sofreram a influência de grandes potências no período da Guerra Fria. Para Ausubel (1980 *apud* FARIA, 1989), quando uma nova ideia se relaciona com um fundo ideacional amplo já existente na estrutura cognitiva dos alunos, é viável incorporar novos conceitos.

O mergulho no cotidiano escolar tem permitido o encontro com o novo e a busca por novas formas de ensinar Geografia em conexão com o mundo/cultura dos alunos. Desta maneira, foi na série sul-coreana que encontramos o cenário para interpretações, compreensões e ampliação de informações e conhecimentos inerentes aos conteúdos de Geografia do 9º ano do ensino fundamental, mais especificamente sobre o contexto histórico e atual das Coreias do Norte e do Sul.

O ensino de Geografia tem como proposição a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), a qual sistematiza habilidades que promovem as competências a serem

conquistadas pelos discentes em cada ano de escolarização. Ao desenvolver as mais diversas habilidades, os alunos criam repertórios de conhecimentos para desenvolver de competências, devendo ser capazes de mobilizá-las em situações cotidianas diversas.

Assim, a habilidade EF09GE06RN⁸ faz referência à análise de características da Nova Ordem Mundial, pós-Guerra Fria. Dessa forma, focamos nas relações estabelecidas ao longo do tempo dentro da península coreana e suas relações internas e externas. Para tal, foi disposto o primeiro episódio no *streaming Netflix*, do *dorama* Pousando no Amor, que constitui parte integrante de um estudo mais aprofundado da temática.

A série apresenta tom cômico e dramático, ao evidenciar a separação dos territórios Norte e Sul na península coreana, que antes da Segunda Guerra Mundial até a invasão e exploração pelo Japão, era território único. Nesse contexto, o Japão se rende e a Coreia passa a ser dividida e administrada a partir de sistemas econômicos distintos – socialismo e capitalismo, respectivamente, República Democrática da Coreia e República da Coreia, evento que marca a Nova Ordem Mundial disposta após a Segunda Guerra Mundial, denominada Guerra Fria. Tal situação levou a chamada Guerra das Coreias na década de 50, visto a invasão da porção Sul pelos representantes da porção Norte. Mesmo com a assinatura do armistício em 1953, esses territórios continuam separados e mantém relações de hostilidade.

O ensino de Geografia livresco já não envolve os alunos da era do leitor imersivo, ubíquo (SANTAELLA, 2004) e, mais recentemente, generativo⁹. Pela densidade do conteúdo e por se tratar de temas que envolvem processos geográficos complexos que se configuram no tensionamento social, econômico, político, ideológico, ambiental e territorial, o ensino aludido requer a elaboração de estratégias didáticas que favoreçam o envolvimento e a construção de sentidos pelos educandos.

Consideramos as diferenças latentes e constituídas ao longo da história do território coreano, de forma a analisar os processos, a influência e as consequências desencadeadas. Ainda, reconhecer as ameaças advindas da República Democrática da Coreia que assustam o mundo, cujo país pode, a qualquer momento, lançar seu arsenal atômico e, ainda, as limitações na infraestrutura que atinge diretamente a vida da população norte-coreana.

⁸ O código **EF09GE06RN** faz parte do conjunto de informações consolidado em regime de colaboração Estado-Municípios em um documento curricular de referência para as escolas do Rio Grande do Norte em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Considere a sequência EF – Ensino Fundamental, 09 – ano, GE – Geografia, 06 – a sequência de habilidades, RN – habilidade que foi indicada pelo Documentos Curricular do RN.

⁹ Como já citado neste artigo, o termo leitor generativo faz alusão ao leitor criativo da era da IA- ChatGPT, foi citado por Pimentel (2023) em live assistida pelas autoras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QaFMuZg6S7A>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Ao contrastar essa situação, percebemos, na República da Coreia, um destaque econômico pujante, ainda na década de 70, quando se configura como um dos Tigres Asiáticos, – designação dada aos países que receberam investimentos de países capitalistas e ascendem economicamente, tendo os Estados Unidos um de seus aliados.

As diferenças históricas, econômicas e sociais que marcam as Coreias se conectam ao componente curricular Geografia, considerando o 9º ano do ensino fundamental, na unidade temática conexões e escala, que tem como foco a articulação entre os diferentes espaços, bem como a escala de análise e as relações locais e globais. Um dos objetivos do Ensino da Geografia é revelar a magnitude de expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos (político, econômico e cultural do Brasil e do mundo).

Posto isso, abordar esses temas em sala de aula requer mobilizar dispositivos que potencializem a aprendizagem e proporcionem uma compreensão ampla e dinâmica do espaço geográfico, vinculando a cultura dos alunos às experiências de letramentos da escola, a fim de tornar a aprendizagem significadora e transformadora.

POUSANDO NO AMOR COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

O ponto de partida para pensarmos uma sequência didática com a mobilização de vídeo no *Streaming*, pautou em perceber com atenção o cotidiano dos alunos: entre conversas, a constância quanto ao uso dos *streamings* e, ainda, a influência sul-coreana, seja na música, seja nos filmes e nas séries presentes na Netflix. A curiosidade sobre esse universo cativa e inquieta, e foi assim iniciada a saga pelos *doramas*. A observação de temas, as indicações e as leituras de sinopses acompanharam a ideia de um plano de ação que envolvesse esse dispositivo, alcançando lugar de destaque a série *Pousando no Amor*.

No tocante à escolha pelo 9º ano, sucedeu pela aproximação dos temas trabalhados em sala, a considerar as habilidades indicadas pela BNCC (BRASIL, 2017) e os apontados no Documento Curricular do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE, 2018). A escola municipal, cenário para a sequência didática, está situada na cidade de Mossoró-RN, funciona em dois turnos e o grupo de alunos que participou da prática faz parte de três turmas, totalizando 87 alunos.

A análise prévia do *dorama* encantou pela narrativa suave, mesmo sabendo que a realidade é mais densa. O drama cômico ganha espaço sem perder a notoriedade da realidade dentro da península coreana. Em conversas com a turma, foi feito o chamamento, o uso

elementos virtuais elaborados no *Canva*¹⁰ e apresentados em projeção na sala, levando pontos para sequência didática por vir.

A ideia de instigar a curiosidade dos grupos de alunos foi uma estratégia para estimular a aprendizagem, diversificando lugares e dinâmicas que acrescentem nas práticas cotidianas da sala de aula. Foi perceptível observar que em grupos diferentes de salas, houve uma receptividade diversa entre os pares, sinalizando a heterogeneidade marcante nos sujeitos e nos processos de *ensinoaprendizagem* e, assim, se sobressai a necessidade de reavivar a diversidade de práticas que atendam diferentes públicos.

O ELEMENTO VISUAL COMO DISPARADOR DE CONVERSAS

Figura 1- Post para redes e disparador de conversas



Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Enveredar pelas preferências do grupo de alunos é um desafio, mas acreditamos na necessidade de uma aproximação. É perceptível que as ilustrações ganham espaços nas redes e no cotidiano deles. Desenhos, emojis, símbolos e outros elementos gráficos estão presentes nos espaços escolares, ainda mais quando há uma diversidade imagética vinculada à tecnologia nas redes. Logo, incorporamos à proposta esses elementos visuais, vinculados ao *dorama*, e às redes sociais, adicionado a outras informações, considerando a interação entre professoras e alunos/alunas no ciberespaço.

A proposta foi bem aceita pelas turmas na apresentação. Parte dos discentes demonstraram apego ao gênero e conhecimento acima do esperado sobre os protagonistas. Outros, realmente não conheciam o gênero, mas acolheram a ideia.

Agora, houve o momento de conectar o dispositivo, que já fazia parte da rotina de alguns, aos textos, informações e mapas que se fizeram presentes em outras aulas. Ainda, o resgate de algumas ideias, como a Guerra Fria, e os conflitos mediados pelas grandes potências da época, os sistemas econômicos que fizeram parte do período em que o mundo era denominado bipolar,

¹⁰ O canva é uma plataforma *on line* de design e comunicação visual, lançada em 2013. Permite a criação de design de maneira intuitiva a partir de seus anseios e publicar no tempo desejado.

considerada a dicotomia proposta pelos EUA e a URSS, em defesa de seus respectivos sistemas – capitalismo e socialismo.

Logo, lembrar os momentos vividos em outras aulas ascenderam a perspectiva sobre o vídeo a ser apresentado. Assim, indicamos os locais (cenários) que seriam visualizados e a necessidade de atenção diante do exposto. Foram levantadas dúvidas quanto à localização, veracidade dos fatos e o período em que aconteceu. Rememoramos o termo península¹¹, relacionando à península coreana e sua localização, destacamos a história das Coreias e validamos o isolamento de uma das partes ao resto do mundo. Alguns alunos indicaram o medo de algumas potências frente a ameaças da Coreia do Norte. Esse momento foi significativo, pois eles conseguiram relacionar, *a priori*, o dispositivo proposto aos conhecimentos prévios.

O planejamento de aula foi flexível e sujeito a mudanças advindas de dificuldades de infraestrutura, de tempo cronológico e da necessidade de mudança de rumo. No primeiro momento, encontramos a dificuldade de manter a conectividade da internet para assistir o episódio, situação resolvida a partir do uso de internet pessoal para manter a efetividade do planejamento.

A considerar que nossos letramentos se ampliam, sobretudo em contexto da prática (RIBEIRO, 2015), aprendemos ser possível baixar o episódio para assistir *off-line*, o que foi feito em outra turma para evitar adversidades. No ambiente escolar estamos propícios a situações que podem fugir ao controle do planejamento. Por isso, é preciso a abertura e a busca de novos conhecimentos, muitas vezes indicados pelos educandos, que diariamente ampliam nosso repertório com informações do espaço virtual por nós desconhecidos.

A conversa prévia foi importante para a indicação do objetivo da aula, e o elo entre o dispositivo referenciado para a compreensão do espaço – Coreias e as relações de poder. A reciprocidade eminente na orientação do aluno sobre o uso do *streaming* foi eficaz diante das dificuldades. Ademais, a troca de experiências antes, durante os momentos de pausas no vídeo para rápidas indicações, demonstrou a imersão na indústria cinematográfica sul-coreana.

Encontramos em Levy (2004 *apud* BUZATO, 2021), a afirmação de que oralidade, letramento e informática são tempos do espírito, convivem em uma mesma ecologia midiático-semiótico-cognitivo-cultural-humano. Dessa maneira, envolver os alunos em práticas e cenários formativos multimodais dar a eles a oportunidade de ampliar a comunicação e a cognição mediante abstração de uma quantidade maior e mais complexa de significados.

¹¹ Península é uma porção de terra cercada por água, com exceção de uma parte que oferece caminho ao continente.

Isto posto, sabemos que não há um ensino neutro e toda ação docente remete a uma intencionalidade. Com inspiração em Libâneo (2002), caminhamos em uma perspectiva epistemológica, didática e política que envolve a premissa de que um planejamento de ensino deve começar com propósitos claros na preparação dos alunos para a vida social, ou seja: que objetivos queremos atingir com o nosso trabalho? Qual o significado social do conteúdo que ensinamos?

Certamente, que essas premissas se atualizam e incorporem outros dispositivos em contexto de cibercultura. Pensamos, agora, que uma formação, uma proposta de ensino-aprendizagem, precisa contribuir com a postura de um autor cidadão na cibercultura. Em Ribeiro (2015), encontramos que envolve a postura do *ciberautor cidadão* os multiletramentos para uma interação autônoma e autoral na relação com os diversos suportes textuais/midiáticos que possibilitam o acesso e a criação de informação e de saberes referenciados na cultura dos sujeitos.

Dessa forma, mobilizamos o *dorama* com vistas a situar a Geografia e seus acontecimentos em um diálogo que envolve a oralidade, a escrita, a interpretação de vídeos e a leitura em fontes bibliográficas que ampliem a compreensão das causas, das consequências e dos fatores na Guerra das Coreias.

O apelo visual através de vídeo, do *canva* e da sistematização da atividade objetivou motivar os alunos pela mobilização de múltiplos modos de linguagens, de modo a coadunar as práticas cotidianas dos adolescentes na cibercultura. Na ilustração, abaixo, segue a sistematização da atividade, na qual foi solicitada uma produção textual, considerando o teor informativo, a clareza e a objetividade da escrita. O intuito foi envolver o dispositivo acionado, no caso o drama, ao reconhecimento dos espaços em questão, ao contexto que levou a tal situação e o posicionamento da península coreana dentro da geopolítica pós-Guerra Fria.

Figura 2 - Proposta de atividade



Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

A sequência propõe o elemento visual do *dorama* e a história das Coreias, bem como textos motivadores que destacam as relações entre fatos reais e o vídeo assistido. O enredo foi enriquecido pelas indicações dos alunos em grupos ou mediante outras pesquisas.

Considerados 87 alunos matriculados nos 9º anos, 57 deram retorno sobre as atividades. A fragilidade quanto à entrega da sequência didática se explica pelas ausências; a alunos com necessidades especiais (em alguns casos, a atividade foi substituída); e, ainda, aqueles que não realizaram a proposta por opção.

As produções apresentaram situações diversas. Alguns alunos conseguiram assimilar a proposta e produzir os textos. Outros, seguiram pelos textos motivadores e não realizaram a relação entre os temas compartilhados em sala e a telenovela sul-coreana. Em vista disso, acreditamos que o aprendizado não sucede apenas quando a escrita é profunda. Com isso, buscamos avaliar em suas falas o que foi destaque no momento.

A ideia de um texto informativo mantém o aluno como agente autor a partir do conhecimento alçado nas relações entre a aula expositiva, o livro didático, as pesquisas em outras fontes e o *dorama*. A possibilidade de compartilhar o aprendido a partir da informação escrita e narrada, coloca-o em momento de releitura e criação, indicando vários elementos que tornaram a prática envolvente.

FATOS, DORAMAS E PRODUÇÕES TEXTUAIS: O LUGAR DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA BÁSICA

O uso do *dorama* *Pousando no Amor*, associado a um planejamento prévio, revela vários elementos sobre os contextos estudados em momentos anteriores. Isto posto, correlacionamos vivências, preferências visuais cotidianas e dispositivos tecnológicos contribuintes com uma aprendizagem significativa. Consideramos, na escuta sensível e nas produções textuais, o lugar do aprendente e do ensinante, vinculando a aprendizagem ao cotidiano e à autonomia para o dizer dos fatos.

Entre as ações, escrita e falas capturadas, indicamos alguns fatores condicionantes:

- **A capacidade de ouvir e conhecer mais sobre a fantasia dos *doramas***, assim como o contexto e cenários onde os fatos são narrados. As diferenças, relações, história e tantas outras nuances entre os territórios coreanos se configuram nas falas dos alunos, aqui assinalados como *dorameiros*.

Nas produções textuais, percebemos a compreensão das diferenças entre as Coreias, a partir da indicação do *dorameiro 1*, ao destacar a liberdade experimentada pela jovem sul-coreana paralela com a realidade na vida das jovens na porção norte-coreana. Entre as

proposições, sublinhamos: qual a motivação para essas diferenças? Os sistemas sociais econômicos que vigoram na Península da Coreia são diferentes? Em que momento essa distinção sucede? É nesse movimento não linear que as indicações surgem nas produções, como no caso de fatos importantes da história das Coreias que culminam na década de 50, em uma nova formatação do espaço geográfico coreano. As relações foram tecidas ao longo das produções.

O reconhecimento das transformações sociais, políticas e econômicas experimentado no passado e suas consequências são assinalados pelo *dorameiro 2*, cuja escrita indica a relação da Guerra das Coreias e a Guerra Fria, assim como as grandes potências da época e seus respectivos sistemas.

- **O cuidado no planejamento que articulou o visual e o sentimento de pertencimento.** Frisamos, ainda, nas impressões do *dorameiro 2*, quando destaca o horror da jovem sul-coreana ao se perceber na Coreia do Norte, visto a forte militarização e hostilidade reconhecida nos norte-coreanos;
- **O olhar mais atento a essas produções cinematográficas** revela a ideia de que o aluno pode se descobrir como agente de reflexão, capaz de compreender em dispositivos, como o *dorama*, a oportunidade de ir além do que é instituído, a ideia comercial e entretenimento, que agora impulsiona a reflexão geográfica;
- **A diversificação das linguagens que proporciona o convite à compreensão e a interpretação** das relações entre a sociedade e seus princípios, ideais e formas de ser e viver que permearam a história de pessoas, lugares e espaços geográficos;
- **A leitura das paisagens a partir do exposto** indica as diferenças de clima e tempo, quando apresenta, já no início, um vendaval e as paisagens de frio intenso em alguns momentos. A diversidade não se limita ao aspecto físico do território, mas ganha espaço nas diferenças já citadas pelos *dorameiros 1 e 2*, e pela *dorameira 3*, ao mencionar a importância de instrumentos visuais como o apresentado;
- **O reconhecimento da diversidade cultural que envolve desde relações familiares ao respeito e disciplina** à noção de autoritarismo e militarismo em diferentes escalas geográficas.

Aproveitar os dispositivos que permeiam a vida do estudante, faz com que ele sinta a informação mais próxima e relacione fatos reais à ficção. A enxurrada de elementos que estão no cotidiano desse ser social muitas vezes não permite essa relação. Cabe ao educador, mediante um olhar mais apurado sobre os cotidianos, perceber e enveredar por esses caminhos, atuando como mediador na construção do conhecimento pelos alunos.

CONCLUSÃO

Diariamente são impulsionados nas redes de *streaming* os mais variados temas relativos ao componente curricular Geografia. Essa releitura e ir além do que é proposto, faz do educador e do educando verdadeiros curadores na indústria cinematográfica. O *fazer* ser educador não se limita à sala de aula; se faz a partir de uma abertura ao novo, ao diferente e, principalmente, ao que se apresenta como fundante no *ensinoaprendizagem*, isto é, a apropriação do conhecimento em contexto de sentidos.

As participações nas falas e nas produções de textos sugerem o mister de dispositivos que potencializem o acesso à informação, orientados por preferências cotidianas, e aos apelos visuais tão significativos no mundo digital compartilhado por todos. No contexto de cibercultura, a teia tecnológica deve envolver todas as partes do processo de *ensinoaprendizagem*. Mediante mobilização intencional de recursos e signos semióticos, educador e educando ampliam suas compreensões de mundo e de múltiplos letramentos.

Diante os desafios impostos em uma sociedade digital, professores e professoras precisam abordar os conteúdos através de metodologias que dialoguem com as necessidades dos alunos, possibilitando o direito a uma cidadania e autoria no contexto da cibercultura (RIBEIRO, 2015). Acreditamos que o uso de *streaming* e a consequente curadoria de séries mobilizam a atenção dos alunos, propicia um envolvimento entre as partes e potencializa as aprendizagens significativas de Geografia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa (org). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3 ed. Petrópolis: DP&A, 2008, p. 13-38.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos-após muitas ‘conversas’ acerca deles. In OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-46.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: DF, 2017.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Multiletramentos e informática na escola. In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (org.). **Informática na Educação**: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021, n.p. (Série Informática na Educação, v.2). Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/multiletramentos>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FARIA, Wilson de. **Aprendizagem e planejamento de ensino**. São Paulo: Ática, 1989.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Ed 34, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Velhos e novos temas. Edição do Autor: Goiás, 2002.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, Antônio Hélio. **Gerações Interativas Brasil** - Crianças e Adolescentes Diante das Telas São Paulo: Escola do Futuro/USP, 2012.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! **SBC Horizontes**, [S.l.], mai. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online>. Acesso em: 24 mai .2023.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. **A sala de aula no contexto da cibercultura**: formação docente e discente em atos de currículo. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. **Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte**: Ensino Fundamental [recurso eletrônico] / Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – Dados eletrônicos –. Natal: Offset, 2018. Disponível em: <http://educacao.rn.gov.br/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na sociedade. São Paulo: Ed. Palus, 2013

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

SENHORAS, Elói Martins; FERREIRA, Rita de Cássia de Oliveira. A Guerra da Coreia vista após sessenta anos de armistício (1953-2013). **Conjuntura Global**, Curitiba, n. 3, p. 133-139, jul./set. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1953/1/Betina%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WHITE, David; CONNAWAY, Lynn Silipigni; LANGLOS, Donna; CORNU, Le Alison; HOOD, Erin. **Digital Visitors and Residents**. Progress Report. JISC, University of Oxford, OCLC, University of North Carolina, June 2012, p. 1- 41.